



A AURORA



REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Rua Formosa 242-2.—PORTO

REDACTOR PRINCIPAL—Antonio Alves Pereira

SUCURSAL EM LISBOA
Rua do Arco da Graça, 4-2.º

Propriedade do Grupo (Aurora Social)

EDITOR—Mactel Barbosa

Condições d'Assinatura (Pagamento adiantado)
Um mez \$05 (50 reis); Semestre \$30 (300 reis); Um ano \$60 (600 reis)
Para fora do país, cresce o importe do selo.

Numero avulso \$01 (10 reis)
Comp. e Imp. na Tipografia Peninsular
Rua dos Mercadores, 171—PORTO— Telo fone 73

Como são os politicos

A propósito ou a despropósito do «escamoteamento» dum officio do Senado, o parlamento português, esse grandioso monumento... de eloquência oratória, que já adquiriu fóros de prehistórico, ofereceu, a penúltima semana, um espectáculo singular que não pode nem deve passar despercebido aos revolucionários sociais. A sua gravidade é de tal ordem que ele presta-se ás mil maravilhas para fazeremos algumas considerações, demonstrando á massa ignara e suggestionada o valor intrínseco dos politicos parlamentares de opposição e de governo.

Um deputado da maioria, resabiado e colérico, os olhos fóra das órbitas, o corpo arqueado á laia de lutador de feira, os punhos crispados, a voz trovejante, coteto armado em atleta, gritou como um possessor que durante a sua vida de sincero republicano nunca supôs que haveria de assistir, em plena república proclamada numa radiante manhã de outubro, a actos vis e maus, a actos desonestos e ignominiosos, a actos degradantes e inconsequentes que eram apanágio exclusivo da crapulosa monarchia.

E numa espécie de bimbalar sonôro, numa diapasão continua de palavras soltas ao acaso, explicou, por entre os aplausos dos seus correligionários em métodos e os risos sardónicos dos seus adversários em ideas, que nos bellos tempos idos, dissera ao povoinho que a república havia de liquidar de vez com todos os latrocinios e infâmias, com todos os abusos dos homens do poder, com todos os escandalos e com todos os pulhismos e canalhismos, para que o regime, pela sua moralidade e pela sua tolerância se impuzesse á consideração das gentes.

Isto disse e isto sustentou em toda a parte. Afinal constata agora que os erros continuam na mesma, que ha abusos inqualificaveis e injustificaveis que ninguém de bom senso e de caracter poderá aprovar.

Mais correctos e aumentados voltaram os antigos hábitos. O arbitrio parece que substituiu a lei. Os que se arvoraram em mandantes fazem o que lhes dá na gana, sem respeito nem consideração pelos direitos incontestaveis dos homens. Corre tudo á revelia. Onde está, portanto, a tam decantada sinceridade de processos?

Pondo de banda outras recriminações que fez o douto officio do exercito e deputado, e que no dizer dos correspondentes dos jornais diários foram violentísimas, o que af fica, de sobra nos chega, para o nosso caso. Não somos intolerantes nem sectários. Mas quando se nos apresentam feitos como este não os devemos deixar passar em claro, para se avaliar não só a coerência destes pais da pátria, como a sinceridade das suas palavras.

Se o «escamoteamento» puro e simples dum officio embora no fundo escondesse uma questão política de interesse para o seu grupo parlamentar, — deu origem a que o deputado referido pronunciasse verdades tam duras, justo seria o desejar-se que o mesmo individuo, tam cioso da legalidade, se revoltasse ao menor atropelo cometido fosse contra quem fosse. A infâmia não deve ter guarida nos corações generosos e altruistas; e já que protestamos contra um acto que nos lesa, devemos igualmente protestar contra um acto idêntico que lesa os outros. Assim é que bate certo; e assim é

que a lógica não se parece com uma batata.

Mas no caso presente há um grande ensinamento. O protesto enérgico e vibrante do deputado referido foi apenas para armar ao efeito, para captar as simpatias dos que ainda não conseguiram penetrar no segredo dos bastidores da politica gem maldita. A sua seriedade apenas revela uma seriedade de partido, que não tem nem nunca terá o seu verdadeiro significado. Escalpelisou-se o escândalo porque ele partiu de adversários politicos. Igual coisa não se daria, portanto, se os papéis fossem invertidos. A virtude dos politicos é assim posta em prática.

E a prova provada do que afirmamos, encontra-se no facto, alias conhecido de toda a gente, de que essa criatura tem assistido ás maiores infâmias cometidas dentro dos muros da sua querida república, sem que, até hoje, houvesse erguido a sua voz de protesto Ora co o quem cala consente, de af se pode inferir que essas repugnancias se tem levado a cabo com o seu tácito assentimento.

Quando Alfonso Costa commandou o seu ministério, perseguiram-se ferozmente os sindicalistas e os anarquistas. Chegou mesmo a dar-se-lhes caça como se fo sem feras. Contra todos os artigos e parágrafos da tam decantada constituição, prenderam e encarceraram os que puderam haver ás mãos, conservando-os nessas masmorras infectas longos e dolorosos meses.

Como crime imputavam-lhes somente o fazerem propaganda das suas ideas. As leis garantiam-lhes esse direito incontestavel; mas os governantes, é que não se importavam com semelhantes ninharias, e impunham a sua vontade acima delas. Imperava o terror... brando:—a legalidade marchára na integra para a sentina.

Muitos, para não sofrerem as agruras das enxovias, viram-se na dura necessidade de abandonar as suas familias e fugirem. Quantas lagrimas se derramaram? quantas dores se sofreram? quantas misérias se passaram? Só os próprios é que o sabem. E contudo eles não podiam, dentro da legalidade, passar por estes vexames. Propagandeavam as suas doutrinas, porque a expressão do pensamento é livre, segundo a letra da tal constituição.

A par disto, encerravam-se arbitrariamente associações e cooperativas, e parte do que lá existia desaparecia como por encanto. O arbitrio estava em acção na mais larga escala que conceber se pode.

Todavia o deputado e officio do exercito nunca protestou contra esse estado de coisas. Pelo contrario, auxiliava-o com o que podia. Eram os dele que mandavam e que procediam. O mot d'ordre cumpria-se á risca, não fosse ás vezes perder-se o conceito no animo dos chefes.

A corroborar no que afirmamos estão as declaracões dum célebre deputado e officio do exercito que descobriu uns misteriosos pós, além doutras coisas imaginárias, quando passou uma busca á Casa Sindical. Com essas atoardas, pretendia o figurão, desculpar as arbitrariedades dos seus superiores na politica e no governo, e incutir nas massas o odio e o rancor contra os que só pensavam emancipar das gargalheiras os seus irmãos do martírio e da desgraça.

Seria isto coerente? seria isto

lógico? Não. Este estado anormalissimo, estas perseguições e infâmias deviam ser combatidas com toda a força. Fez isso o deputado e officio do exercito, protestante da última hora? Não, nunea. Fechou-se em copas, que o mesmo é dizer, consentiu... e aplaudiu.

E agora, porque lhe estragaram o seu joguinho politico, toca a gritar, ó da guarda! ó da guarda!...

Que coerência e que seriedade a dos politicos de profissão!... No governo uma coisa; na opposição, outra.

Ingenuos trabalhadores que ainda acreditais nesses pantomimeiros, ide vendo, se tendes os olhos abertos; e ide apreciando, se tendes cérebro para pensar.

Os politicos são á vossa ruína. Ai de vós! Se continuais a fiarvos nas suas palavras e nas suas pantomimeiras, estais perdidos... ALFREDO GUERRA.

O caracter da presente conflagração

A propósito da carta de Krapótkine ao professor Steffen, escreveu o camarada Fred. W. Dunn ao editor de Freedom uma carta da qual traduzimos a maior parte em seguida.

... Lendo a sua carta em confronto com o folheto *Guerras e Capitalismo* (edição portuguesa: *Os bastidores das guerras*) recentemente editado, escrito no começo de 1913, vemos-nos forçados a perguntar: «Que succedeu nos últimos dois anos que possa justificar tal mudança de opinião, levando o nosso camarada a contradizer os seus próprios escritos?» Caso anómalo, aqui estamos nós, anarquistas no pensamento, que sempre considerámos a guerra como uma feição nociva do capitalismo, a discutir a embrulhada da politica internacional e a comparar os governos uos com os outros para tentar provar que um governo, ou uma forma de despotismo, deve ser preferido a outro; ao passo que devíamos proclamar com insistência este facto (cito palavras de *Guerras e Capitalismo*): «A razão das guerras modernas é sempre a concorrência nos mercados e o direito a explorar... Defacto todas as guerras na Europa durante os últimos 150 anos foram empreendidas por uma vantagem industrial.» Devemos supor que esta guerra é uma excepção á regra? A carta de Krapótkine nada prova a tal respeito nem dá indicações sobre a situação dos trabalhadores nesta emergência ou depois dela. Não faz efectivamente referencia alguma aos trabalhadores, deixando nos supor que esta guerra é uma «guerra de libertação» para eles, que os seus interesses são idênticos aos dos seus amos e do Estado, que a culpa desta terrível catástrofe cabe toda ao governo germânico e que as potências aliadas procedem absolutamente como cavaleiros andantes ou defensores da sua liberdade ameaçada. Trágico!

Continuo a pensar, de acôrdo com o folheto de Krapótkine, que esta guerra é apenas o ponto culminante da politica exterior dos governos europeus, sempre ditada por motivos comerciais, durante os últimos dez anos, e que são responsáveis todas as grandes potências, e não somente a Alemanha ou a Austria, e nós que lutamos por um mundo emancipado, não podemos ajuda-las a firmarem-se mais no mundo do comércio.

Que nos importa a nós que a Alemanha ande em busca de colónias e cubice as da França ou Inglaterra ou a Finlândia? Não pro-

cura ela fazer o que a Inglaterra tem feito? Esta deseja agora descansar sobre os seus loiros, com a sua presa mais ou menos segura. Vamos nós apoiar as potências que entraram numa luta de extermínio pra impedir que uma poderosa rival transfira para si os domínios da Inglaterra ou da Rússia? Parece-me que o nosso papel não é dizer quem deve dominar em certas áreas, mas pôr fim a qualquer dominação numa área qualquer. Vamos nós descriminar os vários graus de tirania? O próprio militarismo germânico existe como uma necessidade comercial. E ficarão a Inglaterra e a Rússia livres da tirania quando o militarismo alemão for varrido pelo militarismo triunfante dos aliados?

Krapótkine fala-nos agora da culpabilidade da Alemanha demonstrada pelos seus preparativos cuidadosos e deliberados, todos no intuito de esmagar a França; mas em *Guerras e Capitalismo* disseram-nos que: «Empenhada em conservar a sua supremacia nos mares, empenhada principalmente em reter as suas colónias para a exploração pelos seus monopolistas», a Inglaterra redobra de esforços para ter uma esquadra capaz de esmagar com certeza a frota alemã. Procura tambem por toda a parte aliados, afim de enfraquecer o poderio militar da Alemanha em terra.» (O itálico é meu).

Escreve Krapótkine em sua carta: «E no momento em que começaram a sentir-se fortes como potência marítima, os alemães conceberam a idea de destruir o poder marítimo da Grã-Bretanha, conquistar uma base sólida nas costas meridionais do canal da Mancha e ameaçar a Inglaterra com uma invasão.» Confrontai isto com o seguinte, de *Guerras e Capitalismo*: «Quando a imprensa inglesa semeia a inquietação e o terror, fingindo temer uma invasão alemã, bem sabe ela que não é nisso que está o perigo... A burguesia inglesa pretende fazer hoje, com a Alemanha, o que fez por duas vezes para deter, por cinquenta anos ou mais, o desenvolvimento da Rússia como potência marítima... E dai o vivermos alerta de há dois anos para cá, na previsão duma colossal guerra europeia, que pode estalar de um dia para o outro.»

Modificou-se desde então a situação? Não vejo tal: como anarquista, como internacionalista, continuo a ver nesta guerra uma luta pela supremacia comercial entre duas forças que esperaram durante anos a ocasião de cair uma sobre a outra.

Como diz Romain Rolland: «Vós, socialistas, de ambos os lados, pretendeis que andais a defender a liberdade contra a tirania — a liberdade francesa contra o Kaiser, a liberdade germânica contra o tsar. Trata-se acaso de defender um despotismo contra outro? *Uni-vos e fazei guerra a ambos.* Não havia motivo algum de guerra entre as nações ocidentais; franceses, ingleses e alemães, somos todos irmãos e não nos odiamos uns aos outros... Quem lançou sobre eles esses flagelos? Quem os levou a essa necessidade desesperada de esmagar o adversário ou morrer? Quem, senão os seus Estados?... O pior inimigo não está fora das fronteiras; está em cada nação; e nenhum tem a coragem de o combater.»

LEIAM OS POLITICOS.

OS FINANCEIROS E A GUERRA

A Social-democracia do kaiser

Falando do gesto heróico de Liebknecht, escreve Clemenceau, entre outras, estas palavras acertadas:

Quantas vezes não escrevi eu que a Social Democracia alemã, tam orgulhosa de poder contar os seus adeptos aos milhões, seria por isso mesmo arrastada a seguir com docilidade as grandes correntes vindas da vontade imperial, porque se é dado alguns idealistas puros encerrarem-se irredutivelmente na sua fé, a massa tem demasiadas raízes na mediocridade do dia para se arremessar até aos cimos dum heroísmo puramente desinteressado. E' em detrimento de partes de ideal que a acção politica, atolada no empirismo do facto inevitável, aumenta em extensão e em profundidade.

Também nós dissemos isso muitas vezes, embora de maneira menos unilateral. Um partido verdadeiramente revolucionário deve ser antes de tudo um partido de acção, de iniciativa, de exemplo, e agir principalmente como fermento da massa, procurando educá-la e agitá-la. O parlamentarismo é que deu á social-democracia a exclusiva preocupação do número, levando-a a tomar, a arrebatar a massa tal como é, além de corromper os dirigentes ou de os recrutar já corrompidos, já tarados de burguesismo e nacionalismo.

Resultado? Fala ainda Clemenceau:

Gritaram: Viva o kaiser! Esses revolucionários que mudavam e face do mundo em posições contrárias de metafisica social, mas que foram abaixo ao primeiro contacto com a realidade viva. Gritaram, no desvair do medo, como o naufrágio, em sua última tábu, lança uma invocação de queda suprema as potências desconhecidas que, momentos antes, não tinham a sua homenagem. Gritaram e o Oceano tornou a cerrar-se sobre eles. Acabou-se. Tudo o que deles representava um elemento de autoridade moral desapareceu. Mais tarde, hão de encontrar-se talvez, entre grandes destroços, cadáveres dardos á costa. Algum sábio doutor poderá reerguê-los, galvanizá-los, dar-lhes as aparências da vida. Mas cairão em pó ao primeiro contacto com os vivos.

Já indicámos aqui manifestações características e assombrosas dessa miserável falência. Mas citemos ainda a visita de honra feita pelos generais do kaiser á Bolsa do Trabalho de Berlim! Mais: tendo o Vorwärts publicação que certos actos de atrocidade imputados aos Aliados tinham sido reconhecidos como inexactos, o órgão central social-democrático foi publicamente censurado pelos seus correligionários, visto que «assim desculpava, em geral a conduta do inimigo». E quem assinava a acta da censura? O secretário da comissão das uniões operárias alemãs!

Verdade é que a social-democracia descobriu... desde Marx a famosa capa da defesa da «liberdade alemã» ou da «civilização germânica» contra a autocracia e a barbaria russas. Sob as ordens do kaiser, que ajudara a esmagar a revolução russa, oferecia-se para libertar o povo russo, judeu, polaco e finlandês, assim como o turco se oferece agora para libertar a Geórgia! Espectaculo comovedor! Toda essa gente por af fora se bate generosamente pela liberdade de outro!

Os socialistas russos responderam muito bem que aceitariam a ajuda dos seus camaradas alemães no seu movimento revolucionário, mas não esperavam a sua libertação do militarismo prussiano, fortalecido pela social-democracia (resposta dada a Troelstra, deputado social-democrático holandês). O mesmo responderam os finlandeses, os georgianos e os outros, confiando todos apenas no seu próprio esforço para a con-